

Reconciliação com o cerrado

Devastada na primeira década de ocupação, vegetação nativa embeleza hoje 70% da cidade

ROVÊNIA AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Brasília nasce da idéia humanista que preza a qualidade de vida entremeada por uma fartura de áreas verdes. Seria uma cidade-parque a esbanjar natureza entre os prédios das superquadras e nos gramados avantajados que separam as pistas de asfalto. Tanto é assim que, ao conquistar o título de patrimônio mundial em 1987, Brasília teve o bucólico incluído como essência para a sua preservação. Mas a construção apressada da cidade e o pouco prestígio das espécies do cerrado resultaram numa devastação cruel das terras destinadas ao Plano Piloto. O brasileiro que vinha do litoral ainda não sabia admirar a beleza sinuosa das árvores nativas do Brasil Central. E a década de 60 marca a derrubada de exemplares centenários e espécies desconhecidas. Entre os prédios que nasciam sobravam poeira, aridez e um vazio de verde.

A reconciliação com o cerrado tem início uma década depois, quando espécies importadas de outras regiões do Brasil e do mundo mostraram que não se adaptariam ao novo solo. Árvores altas, de tronco reto, imponente e de floração exuberante começaram a morrer. “De 1975 a 1976, morreram 50 mil árvores adultas. Começou até um movimento para levar a capital de volta ao Rio de Janeiro. Diziam que essa terra não dava nem para árvore”, lembra Ozanan Alencar, 61 anos, chefe do Departamento de Parques e Jardins da Novacap, que na época já era funcionário da empresa.

Os novos brasilienses tiveram que se render à natureza do cerrado. Pesquisadores começaram a prestar atenção às árvores do Planalto Central para utilizá-las no paisagismo da nova capital. Embrenharam-se pelo cerrado para fotografar espécies e decidir quais seriam plantadas nos gramados e jardins de Brasília. Pombeiros, jatobás, jequitibás, ipês, quaresmeiras e angicos estão entre as pioneiras na arborização da cidade. A pesquisa

segue ainda hoje. Quatro vezes por ano, a técnica agrícola Janaína Martins, 27, e uma equipe de cinco funcionários da Novacap saem a campo em busca de sementes de novas espécies a serem utilizadas na arborização da cidade.

Pelas andanças na região do Entorno, nos cerrados de Minas Gerais e Goiás, foram coletados, por exemplo, 200 frutos de uma paineira imbaré. As mudas da árvore-matriz estão do acesso da Ponte JK até os condomínios. Por ano, são coletadas, em média, seis toneladas de frutos - mais da metade são espécies nativas do cerrado. “Quarenta anos depois, fizemos a reconciliação com a natureza local. Plantar mudas nativas é a integração da arborização da cidade com o cerrado”, diz Ozanan.

Ligação afetiva

Hoje, cerca de 70% das mudas produzidas pela Novacap são espécies do cerrado. Das 110.331 mudas plantadas entre novembro de 2004 e fevereiro de 2005 pelo DF, 75.256 são típicas do Planal-

to Central. Um investimento que aumenta ainda mais o verde da cidade. Já são 4 milhões de árvores e 100m² de área verde para cada habitante, quando o mínimo recomendável pela Organização Mundial de Saúde é de 25m². “Vivemos numa floresta urbana”, apregoa Ozanan.

Dono de um viveiro na rodovia para Sobradinho, o produtor de mudas Nikolaus Von Behr afirma que nos últimos anos aumentou o interesse do brasiliense pelas mudas de árvores do cerrado. “São fazendeiros arrependidos, procurando reflorestar áreas, ou pessoas que têm quintal em casa e trazem uma relação afetiva com essas plantas”, afirma.

Uma compensação justa a um cerrado de espécies belas e ricas descritas por Luiz Cruls, na sua viagem de exploração do Planalto Central, e ignorado nos anos afoitos da construção. Desde 1964, o DF perdeu 56,7% da vegetação nativa, segundo estudo da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

Ronaldo de Oliveira/CB



A TÉCNICA AGRÍCOLA JANAÍNA MARTINS LIDERA A EQUIPE DE FUNCIONÁRIOS DA NOVACAP RESPONSÁVEL PELA COLETA DE NOVAS SEMENTES DE EXEMPLARES NATIVOS: PESQUISA PELO CERRADO DO DF E ENTORNO